



V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

A ANÁLITICA FOUCAULTIANA SOBRE (RELAÇÕES DE) PODER, CORPO E DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE:

Uma proposta de leitura para o Serviço Social

Mônica Daniele Maciel Ferreira¹

RESUMO: O tema desse artigo são três chaves analíticas desenvolvidas por Michel Foucault, a saber, relações de poder, corpo e dispositivo de sexualidade, enquanto categorias conceituais para o Serviço Social, e que se relacionam com a (atual) matriz teórico-metodológica da profissão. Os argumentos desenvolvidos indicam que tal abordagem permite esmiuçar os diversos mecanismos, estratégias e tecnologias de poder produzidos e acionados, isto é, constituintes das relações sociais, e que local e globalmente fazem funcionar os controles, as opressões, as regulações dos sujeitos; e ao mesmo tempo as condições de possibilidades de resistência, de incidência e alteração.

PALAVRAS-CHAVE: Poder; Corpo; Dispositivo de Sexualidade.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema central três principais chaves analíticas desenvolvidas por Michel Foucault, a saber, relações de poder, corpo e dispositivo de sexualidade, enquanto categorias conceituais para o Serviço Social. Desta forma, o objetivo geral deste texto é expor e aproximar a analítica foucaultiana na produção de conhecimento e na experiência profissional do assistente social. A questão colocada, então, é: o que a abordagem foucaultiana fala sobre o poder, o corpo, e o dispositivo de sexualidade; e como estas categorias analíticas se relacionam com a matriz teórico-metodológica do Serviço Social. Os argumentos desenvolvidos indicam que tal abordagem permite-nos esmiuçar os diversos mecanismos, estratégias e tecnologias de poder produzidos e acionados, isto é, constituintes das relações sociais, e que local e globalmente fazem funcionar os controles, as opressões, as regulações dos sujeitos; e ao mesmo tempo as condições de possibilidades de resistência, de incidência e alteração.

¹ Assistente social, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), monicadaniele1@gmail.com.



V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

O atual projeto profissional do Serviço Social brasileiro, projeção da categoria, e expressão das contradições que particularizam a profissão, está ancorado em um projeto societário cuja dimensão política tem como horizonte a transformação social e a superação do capitalismo, por meio da crítica radical à ordem social vigente e do compromisso com a classe trabalhadora. Sua gênese remonta à década de 70, cujo marco é o III CBAS realizado em São Paulo em 1979, o famoso Congresso da Virada. O pano de fundo do seu processo de constituição é o Movimento de Reconceituação que emergia em diversos países latino-americanos, e o processo de redemocratização no Brasil. Assim, através de rupturas teórico-políticas com o tradicionalismo vigente na profissão, o Serviço Social define, a partir de então, a contradição de classe como o eixo de análise e intervenção na realidade, firmando seu compromisso com as classes trabalhadoras (CFESS, 2009). À vista disso e considerando que a analítica foucaultiana não abandona nem se opõe à noção da divisão de classes no capitalismo, mas busca destrichar as diversas contradições existentes no interior das relações sociais, e questiona a atual ordem societária, afirma-se que não há incompatibilidade entre o projeto ético-político da profissão e o pensamento foucaultiano, ao contrário do que sugere a ortodoxia que o enquadra na filiação da pós-modernidade conservadora.

Posto isto, faz-se necessário apresentar brevemente o autor e as linhas gerais de seu trabalho: Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês, professor do curso “História dos sistemas de pensamento” no Collège de France. Assim como outros pensadores do pós-68, Foucault propõe uma analítica que se opõe à concepção abstrata de sujeito que os idealistas adotam, para afirmar que a subjetivação² acontece por meio de práticas e experiências, isto é, são construções sócio-históricas, portanto não são inatas ao sujeito. Seus estudos foram desenvolvidos sob o método histórico, inicialmente o arqueológico, e posteriormente ele aprofunda o método genealógico de Nietzsche: trata-se, então, de um método histórico de pesquisa que pressupõe que os fenômenos e as coisas não se desenvolvem numa direção de mera adaptação ou reatividade, mas no fato de que a história se desenrola como a história da dominação – deste modo, se opõe à visão

² O conceito de subjetivação em Foucault não significa o que comumente conhecemos como algo do plano subjetivo, ou que se aproxima da noção de idealização. Refere-se aos processos de constituição de si (constituição dos indivíduos), que se processam em relação à realidade objetiva.

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

hegemônica e tradicional de evolução e progresso, e à ideia de que a finalidade ou a utilidade explicam a origem das coisas. Em suma, o método genealógico desenvolvido por Foucault busca investigar as lutas, as lacunas, os disfarces, as resistências e mudanças constituintes das correlações de forças, os fenômenos e as forças mais ou menos independentes que sucessivamente submetem outras forças menos potentes, e – como consequência – lhes imprimem finalidades (Foucault, 2011).

A partir dos anos 70, os estudos de Foucault passam a questionar radicalmente as concepções de verdade, buscando analisá-las sob a trama das relações de poder, isto é, propondo a articulação saber-poder como elemento chave para apreensão da história política. Assim, a analítica foucaultiana acerta precisamente a visão dicotômica ou economicista das relações sociais, jogando luz para os variados processos de produção das relações de poder na sociedade moderna, especialmente àqueles que se referem aos saberes e às formas de subjetivação. Neste sentido, discurso e corpo, assim como ciência, arte e filosofia não são apenas áreas de objetivação que se autonomizaram das exigências imediatas do trabalho, mas são esferas de objetivação e subjetivação produzidas e invocadas, apoio e sustentação das relações de poder.

Como um filósofo do seu tempo, Foucault participa do movimento de resgate do corpo na teoria social, que acontece nos anos 60 e 70: o corpo, objeto sociológico a partir de então, é redescoberto como fator político, para além ou inserido – no caso do pensamento foucaultiano – nas relações econômicas de exploração. De acordo com Foucault, nada é mais material do que o corpo; então, a pergunta que se coloca agora é: a sociedade atual necessita de que corpo? Qual é o tipo de investimento do corpo necessário para a manutenção da sociedade capitalista?

Tais problematizações não têm sido alvo de atenção significativa no âmbito do Serviço Social, é o que nos mostra Gasparin (2021) em seu trabalho de pesquisa sobre a dimensão do corpo nas produções teóricas da profissão. Através de uma revisão integrativa de literatura, a partir de artigos do Serviço Social sobre gênero e relações sociais de sexo, publicados entre 2010 e 2020, a pesquisa conclui que são escassos os estudos sobre o corpo na perspectiva materialista-histórica; e que os estudos estão expressivamente focados no "corpo assujeitado e vítima" (idem, p.45). Isto é, o corpo é comumente entendido a partir de uma concepção – determinista – que o apreende como mero objeto de exploração, e que ignora sua natureza produtiva

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

no campo da correlação de forças, desprezando-o, portanto, enquanto campo de resistências.

Assim sendo, os estudos foucaultianos ao se debruçarem em torno dos processos de exploração e dominação para além das limitações impostas pela dimensão econômica e ideo-política, possibilitam analisar as expressões da questão social sob uma perspectiva que considere o corpo enquanto materialidade, situado na estrutura sócio-histórica e atravessado, ou melhor, penetrado pelas relações de poder.

2. DESENVOLVIMENTO

No pensamento e na análise política ainda não cortaram a cabeça do Rei.
(Foucault, 2020, p.97).

O pensamento de Michel Foucault permite realizar uma análise singular do poder – em que não se pode falar de poder no singular, mas em relações de poder. Para Foucault (2011), o poder é um feixe aberto coordenado de relações, ou seja, ele não existe em um lugar específico e não emana de um lugar único e superior, portanto é enganosa a ideia de que em um certo momento da história as pessoas perderam direitos e surgiu o poder para oprimi-las. Desta forma, coloca-se em dúvida as concepções tradicionais do poder que o representam sob uma forma negativa e o posicionam como um movimento de cima para baixo, propondo não uma teoria geral do poder mas uma analítica do poder. O poder é, enfim, explicado como uma série de relações nas quais se cruzam discursos, práticas, saberes e instituições, que se formam de modo heterogêneo e que estão em constante transformação. O poder é uma prática social, um acontecimento. Mas isso não significa que o poder é interpretado como atômico e aleatório, ou como que desvinculado da história. Enquanto acontecimento, não possui uma essência ou origem histórica absoluta, e nem se vincula necessariamente a sujeitos específicos, ou seja, seu significado não está atrelado a uma noção geral e binária de detentores e dominados – “as grandes dominações são efeitos hegemônicos” (Foucault, 2020, p.103). O poder para Foucault emerge no jogo das relações sociais e são sustentados pelas múltiplas correlações de forças que se formam nos aparelhos de produção.

Ademais, suas análises não partem da premissa de que o poder está igualmente distribuído por toda a sociedade, e que não há nada a se fazer em relação

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

à ordem vigente. Portanto, ele não assume uma postura de neutralidade em suas análises do poder, e muito menos de indiferença pelas lutas sociais que visam à transformação social. Assim como Gonçalves (2018) e tantos outros, afirmar que seu pensamento recepciona os pressupostos pós-modernos de descompromisso com o projeto de transformação, e ainda, que a contestação foucaultiana se limita aos cenários locais e particulares, alude ao desconhecimento ou a leitura incompleta de suas análises. Um breve exemplo está presente em uma das prescrições metodológicas que Foucault apresenta na História da Sexualidade 1 – obra publicada em 1976, e se refere à "regra do duplo condicionamento", segundo a qual não há nenhum "foco local" ou "esquema de transformação" (Foucault, 2020, p. 108-109) que possa funcionar sem uma estratégia global, e não há nenhuma estratégia global que produza efeitos se não estiver apoiada em pontos de fixação locais. Longe de querer comparar ou realizar adaptações teóricas, este dispositivo analítico permite a apreensão da dimensão de totalidade nas relações de poder.

Esta particular forma de investigação (das relações) do poder se realiza como uma análise de como as grandes estratégias de poder encontram suas condições de exercício em micro relações de poder, isto é, considera as condições de possibilidade do enraizamento do poder nos comportamentos, nos corpos, nas relações de poder locais... em todo lugar. Por tudo isso, as relações de poder são concebidas como imanentes a todas as relações sociais e possuem uma função diretamente produtora.

A analítica do poder em Foucault não está interessada em desvelar o papel da classe social ou identificar os sujeitos que impõem a dominação, mas em analisar as estratégias que reproduzem, multiplicam ou fixam as relações de força e as classes sociais, a partir da percepção de que existe uma relação recíproca de produção entre elas, pretendendo, portanto, identificar as estratégias implementadas em relação a um objetivo. Pode-se dizer que esta analítica se assemelha a uma analítica de guerra, em que os problemas são colocados em termos de estratégia e cujas análises acerca das relações de poder impõem perguntas como: Porque tais estratégias funcionaram? Porque continuaram? Onde e porque recuaram? (Foucault, 2011).

E ainda, ela se desprende da concepção jurídica do poder, segundo a qual o poder é sempre exercido na forma do direito e o direito detém a forma do poder, ou dito de outro modo: a forma geral do poder, esquematizada sobre a forma jurídica, é um poder que coage, uma forma geral de submissão. O que não significa dizer que

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

este tipo de poder – jurídico – não existe, mas que na verdade, o que importa analisar são a atualização e ampliação dos seus mecanismos de poder; sua transformação em um poder heterogêneo que implantou novos procedimentos de poder, que funcionam muito mais pela técnica do que pela lei, mais pela normalização do que pelo castigo; funcionam pelo controle exercido de várias maneiras e em vários níveis, e não mais apenas pelo Estado e seus aparelhos (Foucault, 2020).

Em suma, o poder exerce controle sobre vários campos e de várias formas: ele recua, ele se desloca, ele investe em outros lugares para continuar dominando; são vários os mecanismos que as instituições criam a cada dia para controlar a sociedade, este 'corpo social'. É nesse sentido que Foucault fala sobre o dinamismo do poder, ele sempre encontra uma maneira de responder à revolta a partir de novos controles – e os corpos sempre encontram uma maneira de tentar se desvencilhar desses controles. É nesta trama que o problema do corpo emerge no desenrolar de processos políticos.

De acordo com Foucault (2020), pode-se perceber, a partir do século XVII, uma mudança na forma de exercício do poder sobre a vida: ele passa a ser positivo, ou seja, exercido não mais sobre o direito – soberano – de se apoderar da vida do indivíduo para tirá-la, mas sobre o direito de gerir, controlar e regular a vida humana; produzir forças, majorar a vida; um poder cujo princípio é garantir a existência biológica da população. O poder de morte é deslocado para o poder de fazer viver (destinado aos ditos dominantes) e o poder de voltar à morte (para uma parte dos ditos dominados). Ao longo do tempo, diversas disciplinas e práticas políticas se desenvolvem para realizar a "gestão calculista da vida" (Foucault, 2020, p.150) e a administração dos corpos: escolas, prisões, políticas voltadas a questões de natalidade, longevidade, habitação, saúde pública... variadas e numerosas técnicas que objetivam a sujeição dos corpos e o controle das populações, que vigoram até hoje e estão presente nos regimes disciplinares que encontramos, por exemplo, nas escolas, nos hospitais, nas famílias e nas prisões. A vida humana entra no domínio dos cálculos explícitos e as tecnologias políticas vão investir cada vez mais sobre o corpo, a saúde, a alimentação, a moradia, as condições de vida, enfim, sobre o viver; tudo o que diz respeito à existência.

Neste sentido, tomando o corpo enquanto um problema, Foucault desenvolve as ideias de disciplina, biopolítica e dispositivo de sexualidade, evidenciando-o como

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

um efeito do investimento denso e constante pelo poder, lugar não mais de suplício mas de adestramento, portanto, o lugar mais eficiente de incidência das relações de poder. Em concomitância com as novas técnicas de adestramento do corpo vai se desenvolvendo a ideia de 'naturalidade' do corpo, culminando na emergência do biopoder. Ou seja, os saberes que se produzem sobre o corpo se apresentam como descobertas da natureza do corpo, e não ideias que produzem o corpo; assim tais saberes, refletidos no corpo como verdades, fixa-o como alvo dos mecanismos de poder instituídos.

O sexo aparece entre os dois eixos sobre os quais a tecnologia política da vida se desenvolveu: ele é parte das disciplinas do corpo, isto é, dos mecanismos de adestramento e economia das energias, e é parte da regulação das populações. É por meio do sexo que se instituem infinitos exames médicos e psicológicos, inúmeros tipos de vigilância e controles, e ordenações espaciais; e também por meio dele são instituídas medidas gerais, estatísticas, isto é, intervenções que tomam as populações sobre um ponto de vista global ou sob o ponto de vista de corpo social. Então é o sexo que dá acesso "à vida do corpo e à vida da espécie"; ele se constitui "matriz das disciplinas e princípio das regulações" (Foucault, 2020, p.158). Neste encadeamento, o conceito de dispositivo de sexualidade é então apresentado como um "regime de poder-saber-prazer" (idem, p.16) que sustenta o discurso sobre a sexualidade humana, e que institui o sexo/ sexualidade como um espaço privilegiado de compreensão, e, portanto, de definição da subjetividade. Trata-se de uma tecnologia de construção de verdades.

Numa tentativa de periodização do dispositivo de sexualidade, Foucault ressalta que no fim do século XVIII nasce uma tecnologia totalmente nova acerca do sexo – nova porque escapa da instituição eclesiástica – que se desenvolve por meio da pedagogia, da medicina e da economia, transformando o sexo numa questão de Estado. Assim, a tecnologia do sexo vai se ordenar em torno da exigência de normalidade, da instituição médica e do problema da vida e da doença.

Muitas outras transformações derivadas dessas tecnologias vão acontecer na passagem do século XVIII para o século XIX, por exemplo, o desenvolvimento de duas grandes inovações do dispositivo de sexualidade na segunda metade do século XIX: a medicina das perversões e os programas de eugenia. Essas inovações carregavam a teoria da degenerescência que explicava a hereditariedade como a causa de um

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

monte de doenças – inclusive doenças que produziam o perverso sexual. Deste modo, o conjunto “perversão-hereditariedade-degenerescência” (Foucault, 2020, p.129) constituiu o núcleo de funcionamento da psiquiatria, do judiciário e da medicina como instâncias de controle e vigilância dos indivíduos – especialmente das crianças. instalando um tipo de "racismo de Estado" (idem) em nome da degenerescência.

Outro ponto importante a se destacar na periodização do dispositivo de sexualidade é que sua difusão e ponto de fixação foram realizados primeiramente e com mais intensidade nas classes favorecidas, ao contrário do que supõe a teoria repressiva, de que os controles sociais foram mais intensos sobre as classes pobres. Isto é, foi na família burguesa ou aristocrática que começaram as problematizações em torno da sexualidade das crianças e a medicalização da sexualidade feminina; isso porque a burguesia começa a achar o seu próprio sexo uma coisa muito importante, se atribuindo um corpo que deve ser cuidado, protegido e preservado de qualquer perigo e contato com os outros, de modo a continuar supervalorizado como o corpo de uma classe que tem saúde, que tem uma descendência, que tem um cuidado, isto é, o corpo de uma raça. Essa autoafirmação tinha como objetivo o fortalecimento da vida da classe burguesa, e foi imprescindível para o crescimento e o estabelecimento da sua hegemonia. Desta maneira, as classes populares escaparam do dispositivo de sexualidade até praticamente o fim do século XVIII, quando são alcançadas pelos mecanismos de sexualização que se organizam em torno dos problemas da natalidade; depois na década de 1830 a partir de uma ampla campanha de moralização das classes pobres; e no fim do século XIX, em nome da defesa da sociedade passam a ser alvo maciço do controle judiciário e médico das perversões.

Foi necessário, portanto, todo um aparelho técnico administrativo para implantar o dispositivo de sexualidade para as classes trabalhadoras; e ainda, foram necessárias conjunturas e contextos específicos para que o proletariado fosse reconhecido como portador de um corpo, de uma sexualidade. Problemas relativos ao espaço urbano, como epidemias, doenças venéreas, coabitação, prostituição; e políticas econômicas como as regulações demográficas em torno da mão de obra; essas e outras estabeleceram as condições de possibilidade para que o dispositivo de sexualidade e seus mecanismos de controle fossem impostos à classe

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

trabalhadora com fins de sujeição – o que nos permite dizer que existe uma sexualidade burguesa, e existem sexualidades de classe.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perdoem-me aqueles para quem burguesia significa elisão do corpo e recalque da sexualidade, aqueles para quem luta de classes implica o combate para suprimir tal recalque. A 'filosofia espontânea' da burguesia talvez não seja tão idealista e castradora, como se diz; uma de suas primeiras preocupações, em todo caso, foi a de assumir um corpo e uma sexualidade (Foucault, 2020, p. 137).

A analítica foucaultiana se desenvolve no cenário de emergência do movimento estudantil francês de 1968, que contestava o marxismo como única via para a revolução, a partir da colocação de questionamentos em torno dos processos de dominação da sociedade capitalista, e do entendimento que o corpo é peça-chave para entendê-los. Desta maneira, o pensamento pós-68 compreende que o poder exerce controles mais tênues sobre o corpo, para além da coerção – esse tipo rígido de poder e de controle não é suficiente para manter o funcionamento da sociedade capitalista – como por meio dos controles da sexualidade.

Na nossa sociedade – moderna e burguesa – em que os mecanismos de poder se destinam ao corpo e à vida, e que busca disseminar e fortalecer tudo o que permite tornar a vida cada vez mais apta para ser utilizada ou para aumentar a sua capacidade de dominar, a importância da sexualidade é insistentemente provocada, o sexo torna-se "objeto e alvo" (Foucault, 2020, p. 160) do poder, e ao contrário de estar sendo reprimido, como afirma a tese repressiva, é constantemente incitado. Neste sentido, a sexualidade é pensada como um dispositivo porque se trata de uma figura histórica (da modernidade) que suscitou a noção de sexo, e como "significante único e significado universal", "princípio causal" (idem, p.168), este conceito combina elementos anatômicos, condutas, sensações e prazeres, e funções biológicas, ganhando status de cientificidade – ao se associar às ciências biológicas da reprodução – e empreendendo uma "reversão essencial" (ibidem): um tipo de poder-saber que forja o sexo como que ancorado em uma instância irreduzível – a biologia, a qual serve de princípio de normalidade à sexualidade humana. A analítica foucaultiana, portanto, vai de encontro com as noções que naturalizam o sexo e normatizam as sexualidades, entende-os como processos que se relacionam mais

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

com a produção de tipos específicos de subjetividade do que como verdade essencial do sujeito.

Este método de análise, aqui brevemente tratado, não objetiva simplesmente denunciar uma situação, mas analisar a produção de verdades e as correlações de forças nos campos de exercício do poder. Nesta contextura, a sexualidade é aquilo através do que o poder se exerce, um instrumento que qualquer sistema moderno de poder se utiliza, menos proibindo, e mais regulando e liberando certas práticas, em suma, implementando uma economia sexual com vistas a (produzir e) governar sujeitos específicos e a sociedade como um todo.

Assim, conforme afirmou Foucault (2011), mais materialista do que estudar a questão da ideologia, é estudar a questão do corpo e dos efeitos do poder sobre ele. E ainda mais revolucionário do que estudar o aparelho de Estado supondo que ele representa o poder que deve ser tomado pela sociedade, é compreender que os mecanismos de poder se situam em toda a sociedade, fora, abaixo, ao lado dos aparelhos de Estado; se localizam de um modo mais elementar e cotidiano, e que são eles – os mecanismos de poder – que devem ser modificados.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*; organização e tradução de Roberto Machado. Edições Graal. Rio de Janeiro, 2011. 295p.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*; tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 10ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, 2020. 175p.

GASPARIN, Saira Tuany Seither. *De que corpo fala o Serviço Social? A dimensão do corpo nas produções sobre gênero: categorias de análise*. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, UNIOESTE, PR, 2021. 145p.

GONÇALVES, Christiane Milessa. *O pensamento pós-moderno em Foucault: aproximação e tensionamento no Serviço Social*. Dissertação (Mestrado em Serviço

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio





V SENASS

V SEMINÁRIO NACIONAL SERVIÇO SOCIAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis SC 23 a 25 de outubro | 2024

Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca, SP, 2018. 104p.

TEIXEIRA, Joaquina Barata; BRAZ, Marcelo. O projeto ético-político do Serviço Social. In: Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. 873p.

Realização



Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Serviço Social
Programa de Pós Graduação em Serviço Social
Curso de Graduação de Serviço Social

Apoio

